

# TRÊS *Portas* por Onde Se *Entre*

Aline Magalhães Pinto<sup>1</sup> (PUC-Rio)

O pai inventou: que iam recortar palavras, colar e tecer e fazer bolinhas, que era outra palavra que ele aprendera, e que o significado era coisa de brincar muito, de chute e braços. E que cada bolinha que um pegasse, abria e via as palavras dele e fazia uma história. História era o livro inteiro, com pais, mães, casas e águas. E tinha que ter o tempo, que era coisa difícil e nova, mas era como uma viagem para bem longe.

Noemi Jaffe, *À Margem*

## Resumo

O ensaio desdobra, a partir do texto “Mal de Arquivo”, de Jacques Derrida, relações entre escrita e historicidade. O uso metafórico das “portas” permite discutir as fendas textuais que colocam em interlocuções diferentes saberes como a psicanálise, a filosofia e a literatura para pensar as possibilidades da escrita da história.

Se nada precedeu a repetição, se nenhum presente vigiou o traço, se, de certo modo, é o vazio que de novo se escava e se marca de impressões digitais, então o tempo da escrita não segue mais a linha dos presentes modificados. O futuro não é um presente futuro, ontem não é um presente passado. O além do fechamento do livro não deve ser esperado nem encontrado. Está *lá* mas *além*, na repetição mas evitando-a. Está lá como a sombra do livro, o terceiro no agora da escrita, a distância entre o livro e o livro, essa outra mão... (DERRIDA, 1995. p. 81.)

Uma mão que tateia e escreve. Desenha. Ao fazê-lo, toca o invisível. Cifra-o e decifra-o, num movimento inesgotável. Movimento das letras, movimento dos olhos, movimento das mãos. Algo para o que somos sempre cegos coordena a possibilidade de ver, de tocar, de mover. Com relação ao que está sempre além e aquém, e que percebemos como transbordamento, e também como falta, só nos cabe escrever, inscrever, arriscar-se. Sendo a única certeza o fato de que jamais se verá, jamais se tocará. As páginas que se seguem são uma tentativa de pensar o inusitado de uma história que se deixa guiar por tal

face, intocável, da experiência vivida. No trabalho daquele que escreve história(s), a impossibilidade de interpretar a totalidade da experiência vivida e o desejo de resguardá-la, expondo-a ou escondendo-a, está intimamente ligada ao porvir. Parece oportuno apresentar, com esse intuito, o texto “Mal de Arquivo” de Jacques Derrida, como fenda pela qual se pode vislumbrar uma escrita que desdenha do que enreda, e assim cumpre uma encenação que, talvez um dia, chamaremos de histórica<sup>2</sup>. (DERRIDA, 1990, p. 11-13.)

Por se desviar do tempo da presença como presente, ponto central de organização e consciência do sentido histórico, o trabalho dessa grafia disseminada se empenha, ao conjurar e exorcizar os fantasmas que recebe como herança, em um ato de crença intempestiva na possibilidade de realidades desejadas além da plausível, além daquilo que foi demarcado como verossímil e, portanto, verdadeiro.

Essa escrita que arquiva e se deixa arquivar como fantasma de si, em sua não contemporaneidade, em sua inatualidade, não se encerra no privilégio e domínio do atual como consciência que se “a-presenta”. O arquivado, como espaço permanentemente vivo e morto, pertence ao tempo que virá e a todos os tempos. Com ou sem o consentimento de “nosso” modo de sentir o tempo, as aparições fantasmagóricas vêm perturbar a segurança e conforto de um sentido histórico que promete a bela reconciliação. (DERRIDA, 1994, p. 169-234.)

Mas não somente. A herança dos fantasmas que a escrita de história(s) trabalha traz consigo uma promessa incalculável, desmedida. Mas se o pensamento derridiano não se compromete com a promessa de liberdade e emancipação, promessa de independência e soberania a um sujeito e a uma consciência alforriada de suas pulsões e sombras, o que podem prometer estes fantasmas numa escrita “disseminada”?

A promessa é a vinda do que carece de uma figura de reconhecimento, o que pode vir, aquilo que surge, imprevisível, irresoluto, uma ocorrência que surpreenda absolutamente, o que se precipita deixando exposto a finitude do domínio da consciência presente. Porvir, e não futuro, para sinalizar a chegada de um “acontecimento”, e não um futuro presente. Acontecimento é aquilo que se precipita de forma a não se deixar prever no horizonte, que não se apresenta como um objeto, sujeito ou evento antecipável numa dimensão prognosticável. (DERRIDA; ROUDINESCO, 2005 p. 57-71.)

Acontecimento é o que surge, e ao surgir surge para surpreender e suspender a compreensão. O acontecimento é, antes de mais nada, tudo *aquilo que* não compreendo. Consiste no *aquilo*, em *aquilo* que eu não compreendo: aquilo que eu não compreendo e, antes de tudo *aquilo* que eu não compreendo e o fato de que não compreendo: minha incompreensão. (DERRIDA, 2004, p.100.)

Este “outro” que é prometido não tem horizonte que não seja a morte, a caducidade. Ao precipitar-se, não se apresenta ou se representa. A tarefa do saber histórico, conduzida por essa promessa, não é constituir projetos de identidades, de nações, de grupos, nos quais o fim seja a liberdade emancipatória. Mas “inventar” espaços por onde o porvir, como “aquilo” que não pode ser projetado, previsto, determinado, prognosticado, adentre. (DERRIDA, 2001, p. 88.)

É com “lances textuais”, uns dentro dos outros, embaraçando-se e desdobrando-se, que a escrita derridiana acena ou insinua formas pelas quais pode o porvir vir a adentrar o trabalho historiador, sua escrita. O aceno que se toma aqui, o texto “Mal de arquivo”, não é único. Mas é um dos gestos textuais de Derrida que mais vai ao encontro da historiografia, e no qual se vislumbra que o sentido de história(s) é afirmar o porvir. Esta afirmação não imprime um sentido positivo à historicidade. Inabordável em sua inquietude, este sentido disseminado não se pode esclarecer, ler, interpretar, senão inscrevendo-se nele, escrevendo-o e enriquecendo-o de passagens, travessias e *portas* por onde se adentra (ao) o porvir. (DERRIDA, 2001, p. 89-107.)

No texto assinalado, estas “portas”, modalidades figurais que marcam fissuras, são abertas pela interlocução que se faz entre a escrita derridiana e duas “assinaturas”: a primeira é o pensamento freudiano, sobretudo nos ensaios de “Moisés e o Monoteísmo”. A segunda, que conversa com os textos e com o arquivo freudiano todo tempo, é o historiador de cultura judaica Yosef Yerushalmi.<sup>3</sup>

Esse “entrelaçamento textual” cava experiências e acontecimentos do arquivo, dos fantasmas e de história(s) que são a plástica impossível daquilo que não foi apreendido no momento da vivência “presente” e “plena”. A qualidade historiográfica dos enredos e encadeamentos, numa escrita “disseminada”, permanece avessa ao tempo-espço linear, à espera da “contra-assinatura”, à espera que a “máquina”, historiadora e arquivística, a reorganize, selecione, trate, insira e exclua, incuta séries, cortes, recortes, e dessa maneira interprete, ou seja: inscreva a historicidade deste material ao fazê-lo deslizar pelas “portas”.

A mesma afirmação do porvir se repete em muitas ocasiões (...) As três portas se parecem ao ponto de se confundirem, certamente, mas diferem entre si: ao menos no fato de que giram regularmente sobre seus gonzos para abrir uma para a outra. Sua topo-lógica é *desconcertante*. Temos sempre o sentimento de nos perder atrás sobre seus passos. Que faz uma porta quando abre para uma outra porta? E principalmente para uma porta pela qual *já passamos*, na passagem (disso) que vem? (DERRIDA, 2001, p. 89.)

A “topologia” dessas fissuras remete em primeiro plano e diretamente à temática da judeidade, ciência e psicanálise. O historiador, Yerushalmi, interroga e investiga os arquivos de Freud para estabelecer e contar a história da relação entre esses três elementos. Interroga também a respeito da judeidade de Freud. Mas é o pano de fundo do texto, aquele no qual está sendo montada a cena, que interessa na tentativa de flagrar como pode o trabalho historiador em sua escrita permitir e abrigar o porvir. Neste outro plano, a escrita derridiana encontra com Walter Benjamin e suas considerações em “Sobre o Conceito de História”, nas quais há remissões a uma “porta estreita” pela qual adentra um futuro que não se torna um tempo homogêneo. A tentativa de explorar a potência das “portas” do texto derridiano para a grafia histórica implica lembrar que, tantas vezes, o que “ele” quis dizer (e aqui ele já são tantos: Freud, Yerushalmi, Benjamin, Derrida) já está contaminado pelo que podemos ler e fazer escrever. (DERRIDA, 2001.)

Desta forma, Derrida nos aponta três “portas”. Tomadas por brisuras, estas “portas” estão abertas e fechadas, entreabertas, à espera daquilo que “entre”.

A primeira “porta” é a terceira. Por ela, Yerushalmi marca, pela experiência de antecipação de uma esperança específica no futuro, a “singularidade” judia. Esta singularidade permite que a judeidade sobreviva como herança, mesmo se seu arquivo perder o suporte e a atualidade, ao que podemos dar o nome de judaísmo. Se o judaísmo é finito, a judeidade é interminável. O que quer dizer que a judeidade não espera o futuro. Não precisa. Como se antecipa e se afirma como experiência de esperança incondicional no futuro, não há fé numa parusia determinada, mas capacidade de referenciar-se ao porvir, sem conhecê-lo.<sup>4</sup>

No que toca ao saber histórico, para além do “traço” de unicidade que visa, no texto de Yerushalmi, marcar de maneira exemplar a singularidade judia e os vínculos que Freud teria ou não mantido com a judeidade, ressalta-se que a afirmação da promessa, a possibilidade de referenciar-se ao tempo por vir, sem tomar sua identidade, sem refleti-la ou declará-la, faz-se a partir de um “arquivo” que guarda o “traço” da experiência de antecipação e autoriza tratá-lo como marca e índice de singularidade. E esta marca impõe uma injunção da memória como obrigação do “arquivo”. Por injunção, a historicidade produzida não é aquela que encadeia eventos arquivados ao longo de uma história linear e teleológica, mas que “sabe” que repetidamente deverá antecipar a esperança porvir. (DERRIDA, 2001, p. 96.)

Essa “porta”, para a escrita de história(s), registra que as fissuras e passagens que se devem atravessar para escapar à linearidade do tempo encerrado pela metafísica do sentido

histórico, não conduzem a uma negação da temporalidade, a uma parada no tempo num presente hipertrofiado ou numa simultaneidade infinita e mítica. O que essa porta quer abrir é, sob efeito de iteração dos “traços”, um encadeamento, em modo de encenação, cuja articulação entre “temporalização” e “espaçamento” torna possível lembrar o futuro como desconhecido: experiência do impossível. (DERRIDA, 2001, p. 97-98.)

A segunda “porta” põe a trabalhar, pela indefinição, o porvir. Derrida atenta para essa modalidade de fissura a partir da definição deixada duplamente em aberto, por Yerushalmi, para judeidade e ciência.

A segunda porta deixa aberta para o futuro uma dupla definição: a de judeidade e de ciência. Definição aberta a um futuro radicalmente por vir, isto é, indeterminado, determinado apenas por essa abertura. Indeterminação extrema e duplamente potencializada, indeterminação “en abyme”. (DERRIDA, 2001, p. 91.)

A indeterminação de uma coloca a indeterminação da outra e vice-versa. As noções estão atreladas mutuamente num compromisso que depende do trabalho a ser feito no porvir, um trabalho por vir. Definir, neste contexto, não é decretar uma identidade entre duas noções, ou entre uma explicação e uma noção. Mas também não é deixar de definir, mas definir paradoxalmente: sendo aberta ao porvir, a definição é radicalmente indeterminada. Contudo, é determinada por esta abertura ao desconhecido, e apenas por ela. (DERRIDA, 2001, p. 91.)

Lidar desta maneira com conceitos, noções e definições, oferece à escrita de história(s), ao indeterminar uma determinação através de outra, uma abertura para o infinito, hiato em que o trabalho do pensamento pode ser feito. Esta ligação entre indeterminações introduz na escrita o “fato” de que o trabalho de pensar, e de pensar historicamente, é aporético, que não se pode dispor de um conceito ou noção com segurança e garantia absoluta sobre um tema, e que há todos os riscos e todas as chances de que as questões que se colocam sobre o mundo, sobre a vida, sobre a história, venham a ficar sem resposta ou, no mínimo, que elas não terão uma resposta ou resposta definitiva dentro da *episteme*. (DERRIDA, 2001, p. 92.)

A insuficiência da *episteme* fica exposta pela suspensão de uma época em função do porvir. Isto quer dizer que, embora as temáticas não sejam interditadas ao conhecimento científico, está lançada a ameaça de que ele não tenha nada de pertinente a dizer a respeito delas. Essa suspensão é de tal maneira intensa que provoca a vertigem necessária para que o porvir continue por vir: que ele permaneça desconhecido, que não seja cognoscível ou mesmo prognosticável. Passar pela segunda “porta” significa deixar trabalhar em suspenso

e em suspeição as definições, conceitos, propostas, noções, para além de todo horizonte alcançável, para além de tudo que tenha estado atual e presente.<sup>5</sup>

A terceira e última “porta” toma a forma de uma promessa. Derrida a encontra na última linha do livro de Yerushalmi:

A última porta abre-se, certamente, na última frase do livro. Lugar marcante e necessário, lugar decisivo ali mesmo onde nada se decide [...]. Diante de que fantasma e testemunha Yerushalmi parece comprometer-se com o futuro ao guardar segredo da palavra de Freud quando lhe declara (são as últimas palavras do livro): “por favor, caro professor, diga-me, prometo não revelar a ninguém sua resposta.”? (DERRIDA, 2001, p. 90.)

Na terceira “porta”, promete-se guardar um segredo. O segredo de um arquivo, do arquivo de Freud, visitado e vasculhado pelo trabalho historiador. A escrita toca a um fantasma que não responde, mas que se inscreve neste trabalho, diante ele, escreve com ele. Perante o fantasma de Freud, Yerushalmi promete guardar segredo. O segredo guardado será repassado como herança ainda desconhecida, ainda porvir. Esta porta que se abre para deixar passar um segredo em silêncio é uma porta que cabe ao trabalho historiador perpassar? (DERRIDA, 2001, p. 89-91)

Que “historiador” ousaria, ante seu “objeto”, prometer não revelar seu segredo? Quem lhe daria crédito? “que se passa quando um historiador promete guardar um segredo sobre um arquivo que será estabelecido? Quem faz isso? É ainda um historiador?” (DERRIDA, 2001, p. 90.)

A partir da perspectiva derridiana percebe-se que o compromisso da história com a “metafísica da presença”<sup>6</sup> tem sido tal, dentro do encerramento teleológico que esse saber habita, que sua tarefa sempre foi entregar completamente o passado ao presente. Desvendá-lo, torná-lo seguro, clareá-lo até o limite de seu desaparecimento enquanto *outro* do presente. Regido por esta economia, o trabalho historiador jamais encarou, enquanto tal, o porvir. (DERRIDA, 2001, p.90-91.)

A terceira “porta”, que também é a primeira, oferece passagem ao porvir como “acontecimento” e experiência antecipada numa promessa e segredo não revelado. Acontecimento irreparável e, por isso, exige que o trabalho historiador se desprenda tanto quanto possível dos compromissos e vetos disciplinares e ceda o espaço aos fantasmas. A terceira “porta” atua como uma dupla condição para as demais. Ao lado do que se pode chamar de “saber-saber”, ou seja, maneiras pelas quais a grafia se desdobra e preenche inevitavelmente um espaço ou território com o desejo de re-apropriação e representação,

esta terceira “porta” coloca um também necessário “saber-não-saber”. (SANTIAGO, 2004, p. 4-11.)

O des-conhecimento como condição incondicional da escrita anuncia, em história(s), a quebra do sentido histórico e sua disseminação; o esfacelamento da pretensão à totalidade que sempre acompanhou de uma forma ou outra o saber histórico; e também certo respeito e responsabilidade com a singularidade da “herança”. A trajetória de uma “herança” não se submete à causalidade ou às linhas de explicação e compreensão formuladas dentro de um horizonte de reconciliação, redenção e salvação. Em tudo aquilo que o saber histórico terá acreditado dever salvar do devir há um excesso. Este excesso, que atua como “branco textual”, “espaçamento”, permite que o trabalho historiador sempre retorne em sua infinita grafia, perpetrando seu ato em simulação. Essa encenação deve almejar o impossível: antecipação do porvir numa escrita que diz de algo que passou.

## Bibliografia

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: \_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas**. v.1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.222-232.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mémoire d'Aveugle**: l'autoportrait et autres ruines. Paris: Réunion des Musées Nationaux, 1990. p. 11-13

\_\_\_\_\_. **Espectros de Marx**: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Rio de Janeiro: [s.n.], 1994.

\_\_\_\_\_. Auto-Imunidade: suicídios reais e simbólicos. *In*: BORRADORI, G. **Filosofia do Tempo de Terror**: diálogos com Jurgen Habermas e Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **Y Mañana qué....** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César [org.]. **Às Margens**: a propósito de Derrida. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo**: três ensaios (1939[1934-38]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

NASCIMENTO, Evando. **Derrida e a Literatura**: notas de filosofia e Literatura nos textos de desconstrução. Niterói: EDUFF, 1999.

\_\_\_\_\_. [org.]. **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Liberdade, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O Silêncio, o Segredo, Jacques Derrida. **Márgens/Margenes. Revista de Cultura**, Belo Horizonte; Buenos Aires; Mar del Plata, Salvador, n.5, p.5 ss., jul.-dez. 2004.

---

<sup>1</sup> Aline Magalhães PINTO, Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica (Rio de Janeiro).

<sup>2</sup> Os traços gerais dessa maneira de conceber o sentido histórico e a historicidade podem ser encontrados também em **Espectros de Marx**, por exemplo. **Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional**. Rio de Janeiro: 1994.

<sup>3</sup>Yosef Hayim Yerushalmi, professor e pesquisador de história, cultura e sociedade judia, especialista em história judia medieval e moderna, como também na história de historiografia e de psicanálise. Entre os principais trabalhos publicados estão: **O Moisés de Freud** (1991); **Zakhor: História judia e Memória judia** (1982); **Haggadah e História** (1975); e **Do Tribunal espanhol para Ghetto italiano** (1971). YERUSHALMI, J. H. **O Moisés de Freud, judaísmo terminável e interminável**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

<sup>4</sup> O que há de perturbador nessa verdade que move ao privilégio absoluto? A unicidade absoluta não comete uma injustiça onde se pensa estar-se fazendo jus? São questões sobre as quais Derrida discorre, mas que, por mais pertinentes e urgentes que sejam, escapolem muito os limites deste texto. (Derrida, 2001, p.93-95).

<sup>5</sup> Sem relação com messianismos, este traço evoca o lado messiânico presente no pensamento de Derrida, que não liberta nem promete um “conteúdo” emancipador, mas que compreende a promessa como o ato de jogar-se sem garantias ao porvir. Ibidem. p.51 et seq. (Cf. STIEGLER, 2005, p.313-343, e OLIVEIRA, 2005, p. 301-309.)

<sup>6</sup> Cunhado por Derrida, o termo “metafísica da presença” faz entender que não existe a metafísica, mas metafísicas encontráveis em diferentes formas discursivas. De toda maneira, o pensamento derridiano não pretende se situar “fora” da metafísica. Como bem mostra Duque-Estrada, a resistência do pensamento derridiano à metafísica significa uma resistência ao pretenso significado transcendental em função do qual tendem a se organizar os discursos. (Cf. DUQUE-ESTRADA, 2002.)